

A PARTICIPAÇÃO DA SAÚDE OPERATIVA DO EXÉRCITO NA 1ª GM

Alexandre Zanier
Luciano Mascena da Cruz Rocha

RESUMO

No ano de 1918, durante o conflito global conhecido como “primeira guerra mundial”, o governo brasileiro enviou uma missão médica com destino à cidade de Paris para auxiliar no esforço de guerra por meio da fundação de um hospital militar, em meio a uma pandemia global de “gripe hespanhola”. Por meio de extensa pesquisa bibliográfica, analisaremos a composição da missão médica brasileira, sua viagem à europa, e sua atuação no combate direto à gripe espanhola e na assistência a feridos de guerra.

Palavras-chave: Primeira guerra mundial. Brasil. Saúde. Missão médica brasileira. Gripe espanhola.

ABSTRACT

During the year 1918, among the global conflict known as “first world war”, the brazilian government sent a medical mission to the city of Paris to help with the war effort through the foundation of a military hospital, in the middle of a global epidemic of “spanish flu”. Making use of an extensive research, we will analyze the composition of the brazilian medical mission, its voyage to europe, and its activities facing the spanish flu, and the direct assistance of the wounded in combat.

Palavras-chave: First world war. Brazil. Health. Brazilian medical mission. Spanish Flu

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho terá como objetivo explicitar e detalhar a atuação do serviço de saúde do Exército Brasileiro durante o conflito global conhecido como “primeira guerra mundial”, o qual se deu entre os anos de 1914 e 1918.

Tal conflito foi resultado direto do complexo sistema de alianças formado entre os impérios europeus, somado a desejos de expansão territorial e posse de colônias, localizadas principalmente nos continentes africano e asiático. De um lado, a “Tríplice Entente” formada por França, Inglaterra e Rússia (Itália, a partir de 1916) em oposição direta aos interesses da “Tríplice Aliança”, formada pelo Império Austro-húngaro, Império Alemão e Turquia. O evento desencadeador foi o assassinato do herdeiro do trono austríaco, o arquiduque Francisco Ferdinando, decorrente de um atentado terrorista perpetrado pela organização nacionalista sérvia “mão negra”, contrária à crescente expansão imperialista na região dos Balcãs. Após a Sérvia contestar um ultimato enviado à mesma pelo império Austro-húngaro, a Rússia declarou apoio à Sérvia, ao mesmo tempo que iniciava manobras militares de mobilização, culminando em uma declaração formal de guerra por parte do Império Alemão.

Inicialmente o Brasil manteve uma posição neutra perante o cenário internacional, postura esta defendida pelo então presidente Hermes da Fonseca. Tal postura visava, ainda que indiretamente, aproximar o Brasil da política externa norte-americana. Ao mesmo tempo, surgiam na imprensa debates entre grupos denominados “aliadófilos”, “neutralistas” e “germanófilos”, cada qual defendendo sua respectiva postura, sendo que desde o início o primeiro grupo destacou-se por sua coesão e organização, havendo inclusive registros da fundação da “Liga Brasileira pelos Aliados”, fundada em março de 1915, com Rui Barbosa ocupando a posição de presidente de honra, e da “Liga de Defesa Nacional”, fundada por José Veríssimo, Nestor Victor e Olavo Bilac. Esta tornou-se praticamente o órgão porta-voz da Entente em solo nacional, promovendo em sua sede no então Clube de Engenharia diversos eventos e manifestos, contendo com a adesão de diversos representantes da intelectualidade brasileira, muitas vezes oriundos de diferentes grupos políticos.

A maior parte dos intelectuais brasileiros, bem como grande parcela das pessoas que se concentravam nos grandes centros urbanos, nutria certa admiração pela causa francesa, em especial. Tendo sido derrotada na guerra franco-prussiana, em 1870, quando perdeu parte de seu território, o país via-se novamente frente a outra agressão pelo mesmo inimigo. Há registros de repressão e ataques a imigrantes e

descendentes de alemães, notadamente dos estados do sul, sob a acusação de “germanófilos”.

Em 31 de janeiro de 1917, o ministro das relações exteriores do Império Alemão, Arthur Zimmermann, notificou o governo brasileiro a respeito do bloqueio naval alemão, que incluía regiões costeiras da Inglaterra, França e Itália, bem como toda a região oriental do mar mediterrâneo. O primeiro evento desencadeador ocorreu em 31 de janeiro de 1917, quando o navio mercante “Panamá”, navegando no canal da Mancha e cumprindo todas as exigências impostas, foi torpedeado à noite, causando a morte de 3 tripulantes e gerando um rompimento de relações diplomáticas com o Império Alemão oito dias depois. No dia 18 de outubro ocorreu o segundo torpedeamento, desta vez o alvo foi o navio comercial “Macau”, que rumava em direção à França portando um carregamento de café e cereais. Após tais fatos, o presidente recém empossado Wenceslau Brás, ratificado pelo congresso, assinou a declaração oficial de guerra contra o Império Alemão e seus aliados no dia 25 de outubro de 1917. Ocorreu ainda um terceiro torpedeamento, o do navio cargueiro “Taquari”, em 2 de janeiro de 2018, próximo à costa da Inglaterra, onde foram a óbito 8 membros da tripulação. Cabe apontar ainda que verificavam-se instabilidades econômicas e inflacionárias decorrentes do crescente endividamento dos bancos europeus que aqui operavam, bem como uma drástica redução dos investimentos em infraestrutura, e ao mesmo tempo verificou-se uma eclosão de sentimentos nacionalistas, que refletiram-se em diversos comícios patrióticos apoiando a participação do Brasil na guerra.

Estruturalmente, setores da administração pública e as forças armadas ainda mantinham características do antigo império, defasadas estrutural e tecnologicamente em relação aos avanços alcançados por países da América do Norte e Europa.

Houve necessidade, portanto, de iniciar processos de modernização e reestruturação interna das forças armadas, com o envio de uma missão preparatória constituída por oficiais e praças da força terrestre, para a França (principal aliado), sob o comando do general Napoleão Felipe Achè.

Não sendo possível efetivar o envio de uma força expedicionária, em 1918, foi criada a Missão Médica Brasileira (MMB), cuja chefia estava a cargo de Nabuco Gouveia, com o papel de auxiliar no tratamento dos feridos em combate por meio de um hospital de campanha. Concomitantemente, ocorreu uma pandemia global de gripe espanhola, o que acentuou ainda mais a importância da MMB em solo francês.

1.1 PROBLEMA

A recém constituída República Federativa do Brasil ainda não possuía uma posição de destaque no cenário internacional, apesar de, frente ao restante dos países do cone sul, possuir ampla extensão territorial e litorânea. Após o ataque alemão a embarcações comerciais brasileiras, provocando a morte da maior parte dos membros da tripulação, houve grande pressão popular dentro do território nacional (impulsionada principalmente pela mídia impressa formadora de opinião) para a cessação da posição de neutralidade que até então prevalecia.

Frente à declaração oficial de guerra, determinados setores das forças armadas vislumbraram uma possibilidade ímpar de não apenas realizar uma ampla modernização tecnológica e logística da força terrestre, mas ao mesmo tempo impulsionar a visibilidade brasileira no cenário internacional vigente, o qual além de um conflito global, lidava com uma pandemia.

Neste contexto, a saúde operacional possuía importância crítica, e foi materializada por meio da MMB, constituída por médicos militares e civis, além de outros profissionais. O Brasil foi o único país da América Latina a participar do conflito.

Levando-se em conta os fatos apresentados, foi formulado o seguinte problema:

Como foi constituída e planejada a MMB, em que medida a mesma cumpriu os objetivos propostos, como se deu sua atuação operacional frente aos desafios encontrados, e quais foram os reflexos de tal experiência com relação à força terrestre e a posição brasileira no cenário internacional?

1.2 OBJETIVOS

O presente estudo pretende integrar os conceitos básicos e a informação científica relevante e atualizada, a fim de detalhar e explicitar o papel relevante da MMB na Primeira Guerra Mundial. Com a finalidade de delimitar e alcançar o desfecho esperado para o objetivo geral, levantou-se objetivos específicos para a consecução do objetivo deste estudo, os quais são transcritos abaixo:

- a) Identificar os eventos desencadeadores da declaração de guerra por parte do Brasil;
- b) Explicitar o papel da opinião pública e da mídia impressa sobre tal declaração, fazendo uso direto de fontes documentais, quando necessário;
- c) Definir o contexto histórico nacional global, à época, demonstrando o

posicionamento brasileiro em termos políticos e estratégicos;

d) Detalhar a constituição e atuação das missões enviadas à França, com especial atenção sobre a missão médica;

e) Discorrer sobre a atuação operacional da mesma frente a situação de conflito e pandemia globais.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

O serviço de saúde da força terrestre ocupa uma posição de suma importância dentro dos princípios operacionais da mesma, por meio de seu objetivo de manter a higidez física do material humano que constitui as tropas.

Neste contexto, cabe apontar as consequências permanentes e o que representou a missão médica de 1918 para o serviço de saúde, bem como chamar atenção para a atuação da mesma à época, em solo francês, frente aos desafios impostos pela participação operacional no TO, bem como no contexto de uma emergente pandemia global de gripe espanhola.

Com o presente estudo pretende-se contribuir para um melhor entendimento e apreciação da formação histórica do serviço de saúde, além de demonstrar o impacto permanente e as transformações geradas pela experiência de uma participação ativa em um cenário de conflito e pandemia globais.

2 METODOLOGIA

Quanto à natureza, o presente estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa do tipo revisão bibliográfica.

Trata-se de estudo bibliográfico que, para sua consecução, terá por método a leitura exploratória e seletiva do material de pesquisa, bem como sua revisão integrativa de forma a consubstanciar um corpo de literatura atualizado.

A seleção das fontes de pesquisa será baseada em publicações de autores de reconhecida importância no meio acadêmico e em artigos veiculados em periódicos.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Para a definição de termos, levantamento das informações de interesse e estruturação de um modelo teórico de análise será realizada uma revisão de literatura nos seguintes moldes: Artigos científicos das bases de dados do Scholar Google, PubMed, do LILACS, do SCIELO e do ISI; livros e monografias da Biblioteca da Escola

de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Biblioteca da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, bem como a localização de dados eletrônicos, por meio de sites de busca na internet. A fim otimizar a busca, serão utilizados os seguintes termos descritores: "*primeira guerra mundial*", "Brasil", "*Missão Médica*" e "1918".

a. Critério de inclusão:

- Estudos digitais publicados em português, inglês e francês.
- Estudos impressos publicados em português, inglês e francês.

b. Critério de exclusão:

- Estudos que não possuam relação direta com a missão médica.
 - Estudos que discorram sobre outros aspectos da participação brasileira no conflito.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a 1ª GM, diversas nações sul-americanas tais como Argentina, Chile e Uruguai procederam à abertura de hospitais temporários em solo francês, tendo como justificativa o fato da necessidade de atendimento médico a feridos de guerra, hospitais estes mantidos por seus nacionais provenientes de populações e colônias francesas.

A colaboração do Brasil com a Tríplice Entente foi formalizada por meio da participação como nação beligerante na conferência interaliada, realizada em Paris, de 20 de novembro a 3 de dezembro de 1917. Em tal evento, o Brasil anteviu uma oportunidade de se destacar em áreas que considerou de destaque dentre as nações beligerantes, as quais se encontravam em extrema carência de recursos logísticos, notadamente, os da saúde. Foram estabelecidos três compromissos de colaboração: uma divisão naval em operações de guerra comandada pelo contra-almirante Pedro Max Fernando Frontin deveria ser incorporada à esquadra britânica em Gibraltar, oficiais aviadores realizariam treinamento na academia da real força aérea britânica, e uma missão médica militar deveria atuar em um hospital de campanha no TO europeu, e seria composta por médicos militares de carreira e médicos civis comissionados em patentes militares.

O decreto número 13092, formalizando a criação da MMB, foi publicado no diário oficial da união de 10 de julho de 1918:

"Presidente da república dos Estados Unidos do Brasil, usando sua autorização contida no decreto legislativo no 3.361, de 24

de outubro de 1917, resolve: Art 1o Fica criada, com o intuito de auxiliar o serviço de saúde dos nossos aliados, uma missão médica especial que será enviada à França, em caráter militar, afim de manter um hospital temporário na zona de guerra, enquanto esta durar. Art 2o O hospital terá a capacidade máxima de 500 leitos, até que o Governo autorize aumento, si assim julgar necessário...”. (BRASIL, 1919).

Desde o início constatava-se que o terceiro compromisso se revestia de importância, devido a diversos fatores. O Brasil não dispunha de recursos humanos ou militares para efetivamente contribuir de maneira mais ativa com o esforço de guerra aliado, ademais, a mobilização do pessoal humano se daria de forma espontânea, devido ao vínculo afetivo e intelectual que os profissionais médicos brasileiros possuíam em relação a seus pares franceses.

O Dr. Mario Kroeff, então primeiro-tenente do corpo médico da marinha, e um dos integrantes da MMB, afirma:

“Até no homem comum, havia entusiasmo em poder participar. Daí, senhores, o sentido internacional de nossa posição, tomada pela pátria e por alguns de seus filhos, dispostos a cooperar. Outro motivo colateral assentou em base médico-profissional. Atender pela clínica e pela cirurgia a ‘larga manu’ (em grande escala), na zona de guerra, visando o aperfeiçoamento, para poder servir ainda melhor, lá e alhures. Esse característico predominava na maioria. Havia nos integrantes especial admiração pela escola médica, que a França representava, no mundo de então. Aos jovens, fascinava a cirurgia dos grandes golpes, rápidos e ousados, estancando o sangramento pela compressão dos retalhos. Paris, formando celebridades clínicas e cirúrgicas, era, na época, a meca da medicina, onde os nossos mestres iam, de tempo em tempo, nas viagens de estudo, renovar a sua cultura.” (KROEFF, Mário, 1968, p. 426)

O mesmo autor enfatiza ainda que:

“... nosso governo viu nos médicos, seu melhor elemento para colaborar na causa dos aliados, dando demonstração leal e positiva. E na guerra, o Brasil entrou pelo emblema da medicina, da nossa medicina, sempre sublime na intenção de salvar e socorrer o ser humano, qualquer que ele seja.” (KROEFF, Mário, 1969, p. 410)

Podemos notar um desejo de demonstrar que a ciência médica brasileira era capacitada, estando plenamente a par dos mais recentes avanços a nível mundial. O destaque internacional, neste momento, deveria vir por meio da saúde e da medicina.

A primeira iniciativa neste sentido deu-se por meio da Condessa Carolina da Silva Ramos, a qual em 29 de maio de 1917 liderou um movimento visando a

instalação de um hospital brasileiro em Paris, mantido pela colônia brasileira na França, cujas despesas foram em grande parte custeadas por doações privadas e fundos angariados por eventos culturais organizados pela liga brasileira pelos aliados, como um festival no teatro municipal do rio de janeiro, em 14 de abril de 1917, cujos ingressos esgotaram-se, e foi amplamente coberto pela mídia.

O Exército Brasileiro criou uma Missão Militar, sob o comando do General Napoleão Felipe Aché, e uma Missão Médica Especial de caráter militar, subordinada a esta última, e comandada pelo Dr. Nabuco Gouvea, comissionado com a patente de coronel.

Foi cedido pelo governo francês um prédio pertencente a um antigo convento de jesuítas, localizado na rue vaugirard. Tal escolha foi em grande parte devido à uma sugestão de George Dumas, agente de ligação junto ao governo da França. O Dr. Nabuco Gouvea concordou com o apontamento, afirmando que o imóvel possuía plenas condições de comportar a MMB. O governo dos Estados Unidos, prontamente contestou tal decisão junto ao governo francês, gerando um impasse diplomático, onde o governo francês justificou a preferência dada ao Brasil devido a questões de compromisso e palavra empenhada.

“A pedido do governo brasileiro, eu decidi colocar à sua disposição, para configurar um hospital, parte sudoeste do antigo colégio da imaculada conceição, localizado em Paris, rue de Vaugirard, metade dos quais é ocupada atualmente pelo hospital temporário dito “Vaugirard”. As adaptações do local, incluindo o planejamento e o trabalho de construção, será realizado à custa do governo brasileiro sob a direção do serviço de saúde brasileiro, a quem o serviço de engenharia local deverá prestar a mais ampla assistência.” (BRASIL, 1919).

Houve a necessidade de limpeza da área, reformas estruturais, montagem de enfermarias, salas, e alas. A execução coube à direção de engenharia militar francesa, supervisionada diretamente, e subordinada, ao chefe da MMB. Em apenas um mês e meio (outros hospitais temporários de outras nações levaram 6 meses ou mais até sua completa efetivação), o Hospital Brasileiro dispunha de estruturas modernas, contendo salas cirúrgicas, enfermarias, salas individuais de curativos, instalações radiológicas, setor de mecanoterapia (atualmente fisioterapia), refeitório, lavanderia e rouparia. Anexos à estrutura principal, poderíamos ainda citar uma cozinha a vapor, lavanderia hospitalar com capacidade de esterilização, além de uma unidade de

hidroterapia. Foi considerado à época um dos melhores hospitais de Paris, tendo sido classificado como de primeira classe, e qualificado para receber feridos de quaisquer níveis de gravidade, nada ficando a dever ao hospital americano de Neuilly. Dispunha, ao todo, de 360 leitos individuais. O crédito total angariado para as despesas, incluindo vencimentos individuais dos membros, foi de cinco milhões de francos. Ao final da conclusão das obras, houve um saldo o suficiente para cobrir o retorno de diversos membros ao Brasil, bem como a manutenção diária do hospital por algum tempo.

A direção médica coube ao Dr. Paulo da Silva Paranhos, filho do barão do Rio Branco, nascido em Paris, e possuidor de dupla nacionalidade, juntamente com outros seis médicos já residentes em solo francês.

O corpo de enfermagem foi dirigido por madame Dutreil, a qual também coube a seleção de enfermeiras portando certificado de trabalho de idoneidade profissional, fornecido por autoridade competente, ou diploma emitido pela Cruz Vermelha. Um pequeno contingente de enfermeiras francesas auxiliava em serviços pesados.

Em 18 de agosto de 1918, a MMB partiu para a França da Praça Mauá, no Rio de Janeiro, a bordo do paquete “La Plata”, pertencente à companhia “transports maritimes de marseille”. Mario Kroeff relembra que:

“...a viagem decorreu lenta e morosa, com luzes apagadas, proibição de fumar no tombadilho à noite, e os frequentes e assustadores exercícios de salvamento. Ao nos aproximarmos à noite de Dacar, o comandante chamou Nabuco à ponte do comando e segredou-lhe que recebera ordens de mudar de rota, dirigindo-se ao sul, para o porto da colônia inglesa de Freetown, pois havia um submarino alemão à espera, para nos torpedear de madrugada, no dia seguinte. Dois dias depois, aportávamos em Freetown, onde perdemos vários dias, até que os ingleses se decidissem a abastecer de carvão o velho transporte francês. Desimpedido o caminho de Dacar, para lá seguimos afinal.”
(KROEFF, 1971, p. 384)

Integravam a MMB 86 médicos, sendo 12 militares de carreira (6 da Marinha, e 6 do Exército), e o restante, civis comissionados com patentes. Havia 10 Tenentes-coronéis os quais atuavam como chefes de serviços médicos, 20 Capitães chefes de enfermagem, 29 Primeiros-tenentes, 8 Segundos-tenentes, somados a 19 acadêmicos de medicina e 16 membros de áreas como farmácia, secretaria, e administração. O Contavam-se 01 farmacêutico e 02 intendentes, mais 01 sargento e 30 praças para constituir a guarda do Hospital Brasileiro. Tirando os médicos militares de carreira,

todos foram escalados pessoalmente por Nabuco de Gouveia. A respeito do recrutamento, um dos membros da MMB afirma:

“O ministro da guerra exigiu apenas uma pequeníssima representação de médicos do Exército e da Marinha, limitando-se sabiamente a nomear a grande maioria dos membros da missão de acordo com as indicações do chefe escolhido. Com essa liberdade de ação, a responsabilidade deste crescia sobremodo, mas em compensação o êxito era mais certo dado o bom conhecimento que tinha da classe médica brasileira, entre a qual poderia fazer uma escolha inteligente.” (*A MISSÃO, 1919a, p.3*)

“... por obra de um acaso feliz, porque o deputado, esquecendo-se do critério científico que o devia inspirar, passou a atender às injucções políticas de toda a natureza, usando da faculdade que lhe foi conferida como meio de servir a seus interesses políticos. Daí a grande movimentação de pistolões e a consequente nomeação de um número quase dobrado do que o estabelecido pelo decreto governamental. A organização era, no entanto, boa quanto a má proficiência, mas um pouco manqué quanto à divisão do trabalho. O acaso nunca faz obra perfeita... Em julho e princípio de agosto o hábil deputado sequioso de pôr a procissão na rua, desfazia-se em mil benevolências e promessas. Raro foi o médico que não recebeu garantia de promoção, segurança de que ia fazer parte do estado-maior, afirmativa de trabalhar no serviço do chefe...” (*A MISSÃO, 1919a, p.3*)

Em termos de experiência, havia certa heterogeneidade na composição da MMB, visto que havia desde acadêmicos de medicina e médicos recém formados, até médicos experientes e professores universitários. Os dez mais destacados foram comissionados com o posto de Tenente-Coronel, portanto, a hierarquia militar refletia a experiência dentro da prática e saber médicos. Muitos eram os pontos positivos vinculados à uma participação em tal empreitada: além do considerável ganho e incremento profissional e intelectual, havia a projeção política decorrente do fato simbólico da participação em tamanho projeto.

A seção de cirurgia, para citar um exemplo, era comandada pelo Coronéis-Médicos Benedito Montenegro, Mauricio Godin, Borges da Costa e Torreão Roxo, e possuía ainda em seu efetivo Ernani de Faria Alves, Alfredo Monteiro, Roberto Freire e Pedro Paulo Paes de Carvalho, todos nomes de destaque na medicina brasileira do século XX.

Após partir de Freetown e chegar a Dacar, a MMB participou de eventos oficiais do governo francês e visitas a hospitais, além de embarcar mais 1.500 soldados senegaleses no porão do navio com destino a Paris. Logo que saiu do porto, diversos tripulantes do navio sucumbiram a um mal desconhecido. Era o início da pandemia de gripe espanhola. Cinco membros da MMB morreram: o Primeiro-Tenente Médico Scylla teixeira, o Primeiro-Tenente Farmacêutico José Brasil da Silva Coutinho, o Segundo-Tenente Intendente Octavio Gomes dos Passos, e o Segundo-Tenente Intendente Paulo de Mello Andrade. Houve a necessidade do navio aportar na Argélia, onde toda a tripulação e os passageiros desembarcaram, e o navio foi submetido a processo de desinfecção. 16 membros tiveram de permanecer internados em hospitais. Um dos participantes relata:

“... foi com efeito horas depois de nossa partida do senegal, que a epidemia de gripe se declarou a bordo, no pior momento, quando é absoluta a falta de higiene e de comodidade veio se associar a uma alimentação deficiente e péssima. O meio era o mais propício para que o mal se alastrasse rápido e intenso. E após os primeiros casos fatais entre os senegaleses quase todos nós estávamos prostrados não no leito mas... nos bancos, mesas e assoalhos, apertados no uniforme sujo, mal nutridos, expostos ao vento, sem água que pudesse beber, sem criados que pudessem servir, sem remédios, perambulando em delírio pelo navio... Começa aí uma história triste e infernal, momentos cuja lembrança estremece ainda nossas almas.” (A MISSÃO, 1919b, p. 3)

“Das salas repletas de doentes partiam confusos gemidos, indecisas lamentações na escuridão da noite. A razão toldava-se com a atrocidade dos sofrimentos e médicos enchiam o tapete de escarros” Não se podia ali socorrer ninguém. Naquela promiscuidade não se podia despir pessoa alguma para aplicar ventosas, fazer uma lavagem intestinal às vezes imprescindível, dar-lhe um purgativo que obrigasse o trôpego doente descer e subir as escadas, cercado de trevas. Era uma cena dantesca. Não tínhamos remédios de espécie alguma e os alimentos eram infames, capazes de tornar doente o organismo mais são. Não tínhamos água suscetível de ser bebida, nem gelo, nem o estimulante de um vinho do porto ou de um cognac, nem uma gota de leite, nem uma única fruta.” (A MISSÃO, 1919b, p.3)

Entre os tripulantes, há inclusive relatos de tentativas de suicídio.

A gripe espanhola evoluiu em 3 grandes ondas epidêmicas. A primeira delas, mais branda, ocorreu em agosto de 1918. A segunda, entre setembro de 1918 e janeiro de 1919, foi considerada a mais letal, com uma taxa de até 8%, que afetou a maior parte da população mundial. A terceira, se deu em fevereiro de 1919. Estima-

se que 40 a 50 milhões de mortes tenham ocorrido no mundo. Apenas no Brasil, foram 300.000 óbitos. As mortes totais decorrentes de 04 anos de conflito, de 1914 a 1918, militares e civis, foram de cerca de 15 milhões.

Quando da chegada no porto de Marselha, em 24 de setembro, a MMB foi recepcionada por autoridades e médicos franceses. Nabuco de Gouvea se dirigiu a Paris acompanhado de pequena comitiva, onde estava incumbido de estabelecer um plano de ação conjunto junto às autoridades militares francesas.

“... uma vez em Paris, foram todos entregues ao alto comando francês que os distribuiu pelas províncias, a fim de imediatamente prestarem serviço contra uma epidemia de gripe que dizimava a população civil, enfraquecia a linha de frente e prejudicava a ação na retaguarda. Enquanto uns eram assim espalhados pelo interior e cooperavam na saúde pública em geral, outros trabalhavam com o chefe da missão, na montagem do Hospital Brasileiro, remodelando o prédio de um antigo convento de jesuítas, que existia na rue vaugirard...” (Kroeff, 1919, p. 413)

Frente ao agravamento da pandemia, a Assistência Pública de Paris determinou que o Hospital Brasileiro deveria atender todo e qualquer paciente civil acometido pela gripe espanhola, que a Assistência julgasse cabível encaminhar ao hospital. Sendo assim, foram encaminhados cerca de 200 pacientes. O foco principal da missão foi, portanto, parcialmente deslocado devido a fatos inesperados. Mesmo assim, a idéia de colaborar no esforço ao combate a pandemia junto ao serviço de saúde militar francês foi amplamente aceita e bem recebida pelos membros da MMB.

Fora de Paris, alguns dos médicos brasileiros foram convidados a atuarem em diversos hospitais, localizados em cidades como Besançon, Bordeaux, Bourges, Clermont-Ferrand, Le Mans, Limoges, Marselha, Montpellier, Nantes, Reims, Rennes e Tours.

Muito poucos médicos atuaram de maneira operacional, realizando atividades de saúde nos postos avançados e trincheiras. Um dos que nos legou um relato de tal atividade, foi Mauricio Godin:

“Fui eu, ao que me parece, o único brasileiro da nossa missão que chegou a estar na primeira linha, assistindo a vários combates. Fui para o “front” a convite do ilustre professor de medicina, o Dr. Gosset, de Paris, incorporando-me ao 4º exército que combateu entre Reims e Verdun. A impressão que conservo

de uma batalha, pois assisti a várias, é coisa que jamais esquecerei. A luta é tremenda: súbito levanta-se ao longe, uma esquadrilha de cem aviões de bombardeio, formados em linhas seguidas, que pairam sobre o campo de batalha, arrasando tudo de metralha” Os “tanks” em pedaços, no meio de cavalos estripados e de outros esvaindo-se em sangue e de outros relinchando de dor, ao passo que os soldados mutilados se arrastam em pilhas que sofrem e gemem!” (VISÕES, 1919, p.2)

No ano de 1918, em outubro, ocorreu a capitulação da Turquia. No mês seguinte, o Império Austro-Húngaro declarou oficialmente sua rendição, e o conflito considerou-se encerrado com a assinatura do armistício pelo Império Alemão, em 11 de novembro de 1918. A cruz vermelha deu início a um processo de desmobilização de seus pequenos hospitais. Apesar do apoio de saúde prestado pelo Hospital Brasileiro, e o fato de seus 360 leitos estarem em estado de permanente ocupação, era inevitável a dissolução da MMB e a entrega do HB às autoridades francesas. A única questão era o prazo de tal fato, pois ainda havia grande número de pacientes acometidos pela pandemia, e feridos de guerra continuavam a ser evacuados (à época do armistício, apenas em Paris, haviam cerca de 40.000 feridos e inválidos de guerra). No Brasil, o novo presidente Delfim Moreira não via a necessidade imediata de se manter uma missão no exterior em tempos de paz, apesar de possíveis futuros benefícios nos campos científico e diplomático. Sendo assim, o ministro de guerra General Alberto Cardoso do Aguiar determinou a Nabuco Gouvea a dissolução da MMB e exoneração de seus membros temporários, além de solicitar ao General Napoleão Aché o em barque para o Brasil de todo o acervo do hospital, além de uma prestação final de contas relativas a gastos feitos pela MMB. A respeito deste fato, nos informa o General Napoleão Aché:

“Parece que no rio de janeiro a impressão de todo mundo foi que a assinatura do armistício em 11 de novembro suspendia, como que por encanto, as consequências do estado de guerra. De tal forma que as missões deveriam regressar ao Brasil, os hospitais fecharem-se. Os exércitos de desmobilizarem e a vida retomara imediatamente seu cunho normal dos tempos de paz. Quem, poré, se acha na europa, perto dos acontecimentos, verifica, muito ao contrário, que só lenta e progressivamente se fará essa volta ao estado normal. Os feridos foram, precisamente nos últimos dias, que precederam ao armistício, numerosíssimos, porque a resistência alemã era tenacíssima, tão tenaz que membros do governo supunham que ela prosseguisse, a despeito do desfalecimento da áustria e mais potências aliadas

ao grupo dos impérios centrais. Esses feridos não iam se restabelecer com a simples assinatura do armistício” (BRASIL, 1919)

Posteriormente, parte dos membros civis da MMB conseguiram permissão do governo brasileiro para poder permanecer no HB por mais um período. Cada chefe de serviço pôde indicar 2 membros de sua equipe para acompanhá-los na permanência. Cabe ainda apontarmos que o governo francês se manteve favorável à manutenção da maior parte do efetivo de brasileiros do HB, inclusive com o encaminhamento de pedidos por meio de Nabuco Gouvea ao governo brasileiro, cuja única concessão foi a permanência de mais cinco médicos civis, além dos já citados.

Em 16 de julho de 1920 o HB foi entregue às autoridades francesas, a data oficial da dissolução da MMB sendo 19 de fevereiro de 1919. Durante breve período, foi denominado “hospital franco-brasileiro para as vítimas da guerra”, e chefiado pelo coronel-médico Rodrigo de Araújo Aragão Bulcão, por sua vez, pertencente à Missão Militar junto aos aliados, e não à MMB. Em visita oficial, o Professor Roger, decano da faculdade de medicina de Paris, teve o seguinte a dizer para Nabuco:

“Prestastes à França um serviço eminente, e no espaço de poucas semanas fizeste o milagre de criar este hospital de primeira ordem cujos serviços são prestados a 300 feridos ou doentes e que bem pode servir de modelo a muitas das nossas organizações” (BRASIL, 1962)

O subsecretário de estado do serviço de saúde militar francês, Louis Mourier, teve o seguinte a afirmar a respeito da MMB:

“A Missão Médica desempenhou um esforço notável para que o Hospital que ela organizou pudesse estar em condições de participar utilmente no tratamento dos feridos, tombados no curso das últimas operações. Efetivamente, esse estabelecimento foi instalado com extrema rapidez, a tempo de assegurar aos militares em tratamento o máximo do conforto e possibilidades de cura. Pode assim receber um número elevado de doentes. Conta atualmente com 360 leitos ocupados. O pessoal médico e cirúrgico da missão se mostrou, em todos os momentos, à altura de sua tarefa.” (BRUM, p.3)

Posteriormente, o governo cedeu o prédio à faculdade de medicina de Paris, que deu início a processos para adaptação de um serviço de cirurgia. A direção ficou a cargo do Dr. Pierre Duval, o qual fez questão de manter um programa de intercâmbio científico permanente com o Brasil. Diversas enfermarias receberam nomes de

médicos brasileiros, e consideram-se os ganhos diplomáticos e científicos de tal empreitada, consideráveis. Diversos membros da MMB foram agraciados com honras de estado brasileiras e francesas. Em 1968, a faculdade cedeu o imóvel, que então passou à administração da Assistência Pública Hospitais de Paris. Atualmente, no jardim do referido local, nota-se um parque de 7.070 m² ligando a rue de Vaugirard a rue Vaugelas, onde há uma placa comemorativa à memória e atuação da MMB, datada de 1994.

Consideram-se os desdobramentos da MMB como importantes do ponto de vista de desenvolvimento tecnológico, não apenas do Serviço de Saúde, mas de todo o Exército Brasileiro. A mesma pode ser considerada precursora da Missão Militar Francesa (MMF), a qual foi contratada em 8 de setembro de 1919 com a missão de reformulação e modernização do Exército Brasileiro, chefiada pelo general Maurice Gamelin. Prevista para durar 4 anos, teve seu contrato prorrogado sucessivamente por 20 anos, e causando profundas e duradouras mudanças nos processos de modernização e profissionalização da força terrestre.

Após o conflito, os Estados Unidos passaram a desempenhar um papel de crescente protagonismo, ao mesmo tempo que surgiam novas experiências organizacionais, como a liga das nações. Cabe apontar que em 1919, o Brasil ocupou um lugar de destaque na Conferência de Paz, ao lado das nações vencedoras, e participou ativamente de decisões por meio de uma vaga rotativa no conselho da Liga das Nações, em Genebra, até o ano de 1926, quando foi desligado. Antevendo um eventual término do conflito, ainda em 1915, jornalistas como Júlio de Mesquita e João do Rio refletiam sobre uma nova configuração política no pós guerra, e sobre os fatores que deveriam nortear a inserção do Brasil em tal cenário. A atuação brasileira na liga das nações foi percebida pela imprensa como uma grande vitória diplomática, e caracterizou-se por uma postura ora proativa, ora agressiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação do Brasil na política externa durante o século XX, bem como sua participação na 1ª GM, sempre foram considerados pela historiografia como eventos de importância secundária, raramente presentes em memórias da história brasileira. No entanto, deve-se considerar o fato de que o Brasil se viu compelido, na época, a assumir uma posição ativa devido à crescente pressão de fatores internos e externos, se envolvendo em um conflito em um continente distante, tendo confiado os principais

aspectos da missão a um seleto grupo de civis e militares, os quais acreditavam em sua capacidade de cumprimento da mesma, ainda que diante das grandes adversidades inesperadas com as quais se depararam.

REFERÊNCIAS

A MISSÃO medica que o Brasil enviou à Europa. O que nos diz um dos seus membros, em cartas que de Paris nos remeteu. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 18 abr. 1919.

A MISSÃO medica que o Brasil enviou à Europa. O que nos diz um dos seus membros, em cartas que de Paris nos remeteu. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 19 abr. 1919a.

A MISSÃO medica que o Brasil enviou à Europa. O que nos diz um dos seus membros, em cartas que de Paris nos remeteu. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 25 abr. 1919b.

A MISSÃO medica em França. A União, Rio de Janeiro. 20 jun. 1919c

BIBLIOTECA NACIONAL (BN) Revista Careta, 17 fev. 1917.

BRASIL. 99ª Seção especial da Câmara Municipal de São Paulo em homenagem ao Dr. Benedicto Montenegro. Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOSP) – Poder Executivo, São Paulo, 16 de setembro de 1962.

BRASIL, Diário Oficial da União (DOU). Relatório enviado pelo chefe da Missão Médica Especial em caráter militar ao ministro da guerra. Jus Brasil. 14 mar. 1919.

BRASIL. Ministério da Guerra. Missão medica especial enviada a França em caracter militar – Relatório enviado ao Exmo. Sr. Ministro da Guerra pelo Dr. José Thomaz Nabuco de Gouvêa, chefe da missão em 18 de janeiro de 1919. Diário Oficial dos Estados Unidos do Brasil. Poder Executivo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, 14 de mar. 1919.

BUENO, Clodoaldo. Política Externa da Primeira República: os anos de apogeu (1902 a 1918). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

BRUM, Cristiano Henrique de. “Considerações Iniciais Sobre a Missão Médica Brasileira na França durante a Grande Guerra (1918-1919). PUCRS, 2014.

DARÓZ, Carlos. O Brasil na Primeira Guerra Mundial – A Longa Travessia. Editora Contexto, 2016.

KROEFF, Mário. Missão Médica Militar em França na Guerra de 1918. *O Hospital*, Rio de Janeiro, vol. 75 N° 02, fev. 1969.

KROEFF, Mario. Missão Médica Militar – Discurso proferido a Academia Brasileira de Medicina Militar. Boletim informativo da Academia Brasileira de Medicina Militar, Rio de Janeiro, vol. VI, N° 1, 1968.

KROEFF, Mario. *Imagens do meu Rio Grande*. Rio de Janeiro, 1971.

MUNHOZ, Fernando. *Reflexos da Guerra Européia*. Coleção nosso século. São Paulo: Abril Cultural, n° 33, 1980.

PIRES, Livia Claro. *A Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial*. In: Simpósio Nacional de História – ANPUH, XXVI, 2011, São Paulo.

PIRES, Livia Claro. *Intelectuais nas trincheiras: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1919)*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANT’ANNA, Álvaro Cumplido de. Do diário de um jovem médico da missão do Brasil à França na I Grande Guerra. *O Hospital*, Rio de Janeiro, vol. 75, n° 2, 1969.

GODIN, Mauricio. *Visões da Guerra*. A Rua, Rio de Janeiro, 1919.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, IHGB, 1990.